



Santo Agostinho (354-430) e a definição de Música como *Scientia* (*De Musica* I, IV, 5)

San Agustín (354-430) y la definición de Música como *Scientia* (*De Musica* I, IV, 5)

Sant Agustí (354-430) i la definició de la Música com a *Scientia* (*De Musica* I, IV, 5)

Saint Augustine and the definition of Music as *Scientia* (*De Musica* I, IV, 5)

Luís Carlos Silva de SOUSA<sup>1</sup>

**Abstract:** The objective of this work is to analyse the use of the term *Scientia* in the definition of Music proposed by Saint Augustine in the work *De Musica* (I, IV, 5). The Music, one of the seven *Liberal Arts*, was understood by Augustine as a manifestation of the order of audible realities. The Music had as its object not exactly *modulatio*, but *bona modulatio*. Many animals are capable of modulation, they follow numerical laws: but, for Saint Augustine, the Music was a *Scientia bene modulandi*, and it assumed a specific, transcendent *telos* (τέλος). The term *Scientia* could not be dispensed with, since ignorance of the *bona modulatio*, as an exercise of Reason, could cause disorder in the use of song.

**Keywords:** Saint Augustine – Music – *Scientia* – Reason – Order – Modulation – Transcendence.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar el uso del término *Scientia* en la definición de Música propuesta por San Agustín en la obra *De Musica* (I, IV, 5). La Música, una de las siete *Artes Liberales*, era entendida por Agustín como una manifestación del *orden de las realidades audibles*. La Música tenía como objeto no exactamente la *modulatio*, sino la *bona modulatio*. Muchos animales son capaces de modulación, siguen leyes numéricas: pero, para San Agustín, la Música era una *Scientia bene modulandi*, y suponía un *telos* (τέλος) específico, trascendente. No se podría prescindir del término *Scientia*, ya que el desconocimiento de la *bona modulatio*, como ejercicio de la Razón, podría provocar desorden en el uso del canto.

---

<sup>1</sup> **Professor efetivo** da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira ([UNILAB](#)). Professor externo permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Ceará ([UFC](#)). E-mail: [lcarlossousa@hotmail.com](mailto:lcarlossousa@hotmail.com).



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

**Palabras-clave:** San Agustín – Música – *Scientia* – Razón – Orden – Modulación – Trascendencia.

ENVIADO: 14.09.2021  
ACEPTADO: 15.11.2021

\*\*\*

## I. Contextualização: *Diálogos Filosóficos*

Santo Agostinho (Tagaste, 345- Hipona, 430) produziu mais de noventa obras. Parte delas foi chamada simplesmente de *Diálogos*<sup>2</sup>. O *De Musica* (*Sobre a Música*) está situado entre os *Diálogos Filosóficos*<sup>3</sup>. Estes, de algum modo sob a égide da tradição platônica de Filosofia (como observamos, mais intensamente, nesses escritos de juventude de Agostinho), trazem à baila a complexa relação entre Dialética e Hermenêutica<sup>4</sup>.

O diálogo era visto como uma forma privilegiada de busca da *Verdade*. Interrogantes perguntavam e respondiam. Mas não se tratava de *compreender* o outro nos termos contemporâneos de uma primazia hermenêutica da pergunta (*Wahrheit und Methode*, 2.3.3)<sup>5</sup>. Ao contrário, o problema hermenêutico dos Diálogos filosóficos, à luz da tradição platônica, não prescindia do caráter de universalidade da Dialética: “ὁ μὲν γὰρ συνοπτικὸς διαλεκτικός. ὁ δὲ μὴ οὐ”<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> O'DONNELL, James J. *Augustine: a new biography*. New York: Ecco Press, 2005.

<sup>3</sup> CATAPANO, Giovanni. *Il concetto di Filosofia nei primi scritti di Agostino*. Roma: Institutum Patristicum Agustinianum, 2001.

<sup>4</sup> HÖSLE, Vittorio. *The Philosophical Dialogue: A Poetics and a Hermeneutics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2013.

<sup>5</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode*. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Tübingen, 1965, §§ 368-374.

<sup>6</sup> “Quem sabe ver o conjunto é dialético, quem não sabe não o é”, PLATO, *Πολιτεία* [*Res publica*], VII, 537c 7. PLATO. *Res publica. Platonis Opera IV*. Tomus 4 (Tetralogia VIII (Oxonii [Oxford, England], 1957, 15<sup>a</sup> reimp.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Na atual classificação literária, comumente dividida em dois grupos, entre Diálogos “cênicos” (ou narrativos) e “não-cênicos” (ou dramáticos)<sup>7</sup>, o *De Musica* ocupa um lugar especial nos Diálogos não-cênicos. Os Diálogos cênicos (*Contra Academicos*, *De beata uita* e *De ordine*), apresentam-se, em geral, como transcrições (imediatas ou posteriores) de uma discussão real e ambientada entre amigos, parentes etc. Nos Diálogos “não-cênicos” não há prólogo ou narrador, e a discussão ocorre apenas entre dois personagens, um deles sendo o próprio Agostinho.

O *De Musica*, neste caso, é uma exceção, pois é o único Diálogo em que os personagens não são identificados: ele apresenta, simplesmente, o diálogo entre *Magister/Discipulus* (embora esteja claro que a perspectiva do “Mestre” seja a de Agostinho). Nele, aliás, é clara a primazia da Razão, a busca de *justificação* das opiniões. A compreensão do Diálogo sobre a Música como *Scientia*, como veremos, é um interdito aos princípios de uma hermenêutica que não vê, na Filosofia, nada mais que uma atividade de compreender.

**M.** - Quid tandem, illud nonne manifestum est eum, qui alio interrogante sese intus ad Deum mouit, ut uerum incommutabile intellegat, nisi eundem motum suum memoria teneat, non posse ad intuendum illud uerum nullo extrinsecus admonente reuocari?

**D.**- Manifestum est<sup>8</sup>.

## II. O Diálogo *De Musica*

Na literatura tardo-antiga, poucos autores oferecem informações tão específicas sobre a gênese e a estrutura de sua obra como as que encontramos acerca do Diálogo *De Musica*, que trata sobre o *rhythmus*<sup>9</sup>. Nos Diálogos do mesmo período e em *Confessionum libri*

<sup>7</sup> VOSS, Bernd Reiner. *Der Dialog in der frühchristlichen Literatur*. München: W. Fink, 1970.

<sup>8</sup> “**M.**- Enfim, não é verdade que, quem vai interiormente até Deus para compreender a verdade imutável através das perguntas de outro, se não conservar tal movimento na memória, não poderá voltar a tal verdade sem a ajuda de alguém de fora? **D.**- É evidente.”, AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *De Musica Libri Sex*. MIGNE, J. P. *Patrologia Latina* (PL, 32), 1079-1194.

<sup>9</sup> BETTETINI, Maria. “Stato della questione e bibliografia ragionata sul dialogo *De Musica* di Sant’Agostino (1940-1990)”. In: *Rivista di Filosofia neo-scolastica* 83 (1991), p. 430-469; GILSON, Étienne. *Introduction à L’Étude de Saint Augustin*. Paris: Vrin, 1929, p. 56-65.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

*tredecim*, Aurélio Agostinho faz referência ao seu projeto de uma enciclopédia das *Artes Liberales*. Duas fontes diretas se destacam, em particular, sobre a composição de *De Musica*: **(a)** *Retractationes* I, VI e I, XI (aprox. ano 427) e **(b)** *Epistola 101* ao bispo Memório (aprox. 408/409). Em *Retractationum libri duo*, Agostinho faz uma importante revisão de sua obra, identificando os objetivos dos livros, reestruturando e retificando algumas teses contidas nas obras anteriores.

Em *Retractationes* (426-427) somos informados que ele pretendia escrever os “livros sobre as disciplinas liberais” (*Disciplinarum Libros*): Gramática, Música, Dialética, Retórica, Geometria, Aritmética e a Filosofia<sup>10</sup>. O método utilizado era o dialógico, seguindo o exemplo de Cícero (106- 43 a. C.) e, indiretamente, o de Platão (428/427- 348/347 a. C.) – com o claro objetivo de conduzir as pessoas, de maneira gradual e segura, às realidades incorpóreas, através das corpóreas. Mas o projeto foi realizado apenas em sua mínima versão:

Per idem tempus, quo Mediolani fui baptismum percepturus, etiam *Disciplinarum libros* conatus sum scribere, interrogans eos qui mecum erant atque ab huiusmodi studiis non abhorrebant; per corporalia cupiens ad incorporalia quibusdam quasi passibus certis vel pervenire vel ducere. Sed earum solum *De grammatica* librum absolvere potui, quem postea de armario nostro perdi, et *De musica* sex volumina, quantum attinet ad eam partem quae *ritmus* vocatur. Sed eosdem sex libros iam baptizatus iamque ex Italia regressus in Africam scripsi, inchoaveram quippe tantummodo istam apud Mediolanum disciplinam. De aliis vero quinque disciplinis illic similiter inchoatis - de dialectica, de rethorica, de geometria, de arithmetica, de philosophia - sola principia remanserunt, quae tamen etiam ipsa perdidimus; sed haberi ab aliquibus existimo<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> HADOT, Pierre. *Arts libéraux et philosophie dans la pensée antique*. Paris: Vrin, 2005.

<sup>11</sup> “Por este mesmo tempo, em que estava para receber o batismo em Milão, também me pus a escrever os *Livros Sobre as Disciplinas*, interrogando os que comigo estavam e não se aborreciam com tais estudos; e, desejando, como que a passos certos, através das coisas corpóreas, alcançar ou, ao menos, rumar às incorpóreas. Deles, porém, somente consegui terminar o livro *Sobre a Gramática*, que depois perdi de nosso armário, e seis volumes *Sobre a Música*, que tocam aquela parte a que chamam *ritmo*. Mas escrevi esses seis livros já batizado e de volta à África, pois apenas começara a tratar dessa disciplina, em Milão. Das outras cinco disciplinas lá também começadas – a Dialética, a Retórica, a Geometria, a Aritmética, a Filosofia –, somente restaram os inícios, que igualmente



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Esse vasto projeto, revisto em *Retractationes*, foi levantado logo após a sua conversão, ocorrida em 386. Com essa informação, é possível notar que o *De Musica*, juntamente com o *De Grammatica*, foram os únicos tratados concluídos. Para a datação do *De Musica*, vê-se que o livro foi primeiro esboçado em Milão, nos primeiros meses de 387, e concluído ao retornar à África, antes da ordenação sacerdotal, no início de 391.

O *De Música* sobreviveu, em inúmeros manuscritos, como o único exemplo sobre como Agostinho pretendia se servir das disciplinas liberais para o empreendimento de passar do sensível ao inteligível. Um programa que, depois, apenas Boécio (c. 480-524/525) tentaria algo semelhante, em *De Institutione Musica*, assim como nas seções musicológicas das *Institutiones* de Cassiodoro (490-581), ou nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha (c. 560-636).

Apesar da unidade do Diálogo *De Musica*, é permitido ver uma divisão em duas partes desiguais, isto é, entre os primeiros cinco livros, onde são tratadas questões mais técnicas sobre os números (ritmos), e o sexto livro. Essa estrutura bipartite em *De Musica* será evidenciada na seção mais extensa de *Retractationes* (I, XI – *De Musica, Libri Sex*):

1. Deinde, ut supra commemoravi, sex libros *De musica* scripsi, quorum ipse sextus maxime innotuit, quoniam res in eo cognitione digna versatur, quomodo a corporalibus et spiritualibus, sed mutabilibus numeris, perveniatur ad immutabiles numeros, qui iam in ipsa sunt immutabili veritate, et sic *invisibilia Dei per ea quae facta sunt intellecta conspiciantur*. Quod qui non possunt et tamen *ex fide Christi vivunt*, ad illa certius atque felicius conspicienda post hanc vitam veniunt. Qui autem possunt, si desit eis fides Christi qui *unus Mediator est Dei et hominum*, cum tota sapientia sua pereunt<sup>12</sup>.

---

perdemos; mas penso que alguém os tenha.”, AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *Retractationum libri duo*. I, VI. CCL 57 (A. Mutzenbecher, 1984).

<sup>12</sup> “1. Em seguida, como acima já recordei, escrevi seis livros *Sobre a Música*. Destes, foi sobretudo o sexto que ficou mais conhecido pela dignidade do tema que nele é abordado: a maneira como, partindo dos ritmos corpóreos e espirituais, e, no entanto, mutáveis, é possível chegar aos ritmos imutáveis que já se encontram na verdade imutável e como, dessa forma, são conhecidas *as realidades invisíveis de Deus através das coisas que foram criadas* (Rm 1,20). Aqueles que não podem fazer essa experiência, mas *vivem da fé em Cristo* (Rm 1,17) chegam a tal contemplação com muito mais certeza e alegria depois da vida presente. Mas aqueles que podem, se lhes falta a fé de Cristo *único Mediador*



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Os cinco primeiros livros (iniciados em Milão, após seu retorno de Cassiciaco) podem ser considerados uma preparação para os desenvolvimentos metafísicos e teológicos do sexto e último livro, que recolhe os frutos das investigações anteriores, e cuja elaboração pode ter ocorrido integralmente (ou ao menos terminada) na África.

A carta de Agostinho ao bispo Memório (*Epistola* 101) permitiria compreender melhor as diferenças de atitude e de postura crítica do itinerário pedagógico dos cinco primeiros livros, sendo corrigido (*emendatus*, isto é, retificado e relido) apenas o Livro VI (cuja data precisa da correção permanece incerta) – aquele livro que, unicamente, será enviado a Memório: *Sextum sane librum quem emendatum reperi, ubi est omnis fructus caeterorum, non distuli mittere Caritati tuae [...]*<sup>13</sup>.

Apesar de sua contribuição à reflexão estética musical, em sua estrutura o *De Musica* analisa, em certo sentido, muito mais questões métricas (Livros II a V) que propriamente musicais (Livros I e VI)<sup>14</sup>. A Música era vista como uma *ciência*, uma disciplina matemática (isto é, como uma atividade intelectual), e assim permanecerá até o advento do *canto gregoriano*, que representará uma “mudança de paradigma”, na direção do que será visto, depois, propriamente, como uma *arte*, integrante do *mundo das emoções*<sup>15</sup>.

O Livro I de *De Musica* inicia com uma introdução geral, onde será apresentada a definição de Música e os seus elementos matemáticos; nos Livros II a V, vê-se a aplicação desses princípios à música dos versos (a métrica). No Livro VI, Agostinho formula uma Introdução, sobre “o que advertir aos leitores” (*Quid lecturis moneat*), e uma Conclusão, “contra os hereges” (*Quae adversus haereticus scribenda*) – e agora aparenta

---

*entre Deus e os homens* (1 Tm 2,5), perecerão juntamente com toda a sua sabedoria”, AVGUSTINVS HIPONENSIS. *Retractationum libri duo*. I, XI, 1. CCL 57 (A. Mutzenbecher, 1984).

<sup>13</sup> “Apresei-me a enviar à caridade o sexto livro, que já se encontra corrigido, e no qual recolho o fruto dos outros [...]”, AVGUSTINVS HIPONENSIS. *Epistulae*. Ep. CI. CSEL 34/2, p. 539-543.

<sup>14</sup> DAVENSON, Henri. *Traité de la Musique selon l'esprit de Saint Augustin*. Neuchatel: Éditions de La Baconnière, 1942.

<sup>15</sup> COSTA, Ricardo da. “[A Música, uma das chaves para a compreensão do tempo](#)”. In: *Impressões da Idade Média*. São Paulo: Livraria Resistência Cultural Editora, 2007, p. 43-61; RIBEIRO, Antonio Celso. “[Beleza e Feiura como aspectos estéticos na Música Medieval: a Ordem na Desordem](#)”. In: COSTA, Ricardo da. (org.). *Mirabilia Journal* 32 (2021/1), p. 112-152.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

menos otimismo sobre o papel e o alcance das *Artes Liberales*<sup>16</sup>. O *De Musica*, como os outros Diálogos de juventude, inscreve-se no ideal de conquista da Sabedoria, através do exercício da mente no estudo das *Artes Liberales*; mas, no percurso aberto pelo horizonte da *caritas* cristã (em sua dupla vertente: *amor Dei et proximi*), há inflexões na compreensão que Agostinho apresenta sobre a função dos saberes ditos “profanos”.

Na altura do Livro VI, ele passa a situar os cinco livros anteriores em um programa hermenêutico bíblico mais amplo, acerca do lugar do ser humano no Universo e a sua ascensão às realidades incorpóreas: *Quam ob rem tu, cum quo mihi nunc ratio est, familiaris meus, ut a corporeis ad incorporea transeamus [...]*<sup>17</sup> – procedimento, aliás, já proposto em *De ordine* (Livro II), na indispensável compreensão da Ordem no Universo e seu fundamento divino.

### III. A definição de Música: *Scientia bene modulandi* (*De mus.* I, II, 2)

São inumeráveis os tipos de sons em que é possível identificar medidas precisas, mas que não podem ser atribuídos à disciplina da Gramática. Convém a uma outra disciplina tratar de tudo o que é artístico e numérico nas palavras. Qual o nome desta disciplina já se sabia, pois era costume atribuir às Musas todo o poder sobre o canto. Mas a Santo Agostinho interessava analisar o procedimento e a competência dessa disciplina. Daí o ponto de partida, a ser analisado: *Musica est scientia bene modulandi*. Mas se a Música foi definida como a “ciência de bem modular”, será preciso esclarecer “modulação”.

Ora, “modular” vem de “modo” (de *modus*, o equivalente a número e medida), isto é, o que deve ser respeitado em todas as coisas bem-feitas, embora no canto e na dança – observa Santo Agostinho – muitas coisas sejam por demais vulgares, mesmo que deleitem (*De mus.* I, II, 3). Não se trata de considerar o que quaisquer cantores e histriões já sabem, mas avaliar que, na noção em si de *modulatio*, está contida a definição de

<sup>16</sup> MOREAU, Madeleine. “Le ‘juste usage’ de la culture”. In: *Bibliothèque augustinienne. Oeuvres de saint Augustin* 11/2 (1997), p. 528-546.

<sup>17</sup> “Por tudo isso, meu amigo, companheiro de raciocínio na passagem das coisas corpóreas às incorpóreas [...]”, AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *De Musica Libri Sex.* VI, II, 2. MIGNE, J. P. *Patrologia Latina* (PL, 32), 1079-1194.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Música. Certamente “modus” tem um sentido plurívoco, pode existir em outras coisas como certa medida; mas “modulação” é algo próprio da Música.

A noção de *modulatio* cumpre, portanto, uma função especial na definição de Música como *scientia bene modulandi*. É preciso discernir atentamente o que especifica essa disciplina, a fim de evitar a vulgaridade no cantar e no dançar. Há três componentes na noção de *modulatio*: o que é “modular”, o que é “bem” modular, e qual o uso do termo “ciência” na definição de Música. A modulação é um determinado tipo de perícia em mover ou, mais precisamente, aquilo que faz algo se mover bem.

Em todas as coisas bem-feitas, que conservam a medida, há modulação: sem um bom movimento nada pode ser bem-feito. Ao considerarmos, por exemplo, o que é produzido por instrumentos musicais e o próprio movimento que o artesão executa, notamos que a habilidade no mover melhor se aplica ao movimento livre, executado por si mesmo (*propter se ipso*). Todas as coisas que existem por causa de outras são servas; na modulação, o movimento é desejado por si mesmo, e agrada por si mesmo.

Nisto podemos observar uma razão de ordem, que determina o objeto da Música, e define o seu primado entre as demais disciplinas que se ocupam com as realidades audíveis. Com isso, o que se entende por ciência de modular consiste na ciência do bem mover (*De mus.* I, III, 3).

Ora, por que acrescentar, então, o termo “bem” (*bene*), se a modulação não poderia existir sem um bom movimento? A Música é a ciência de bem mover, pois se move “bem” tudo o que se move segundo as *leis numéricas*, de acordo com *as medidas de tempo e intervalos*. (Não seria permitido ver, aqui, uma teoria musical do conceito de tempo que, entre limites, teria um caráter propedêutico à problemática posterior do tempo?<sup>18</sup>) Mas pode acontecer que tal presença e medida dos números, que deleita e é, adequadamente, chamada de modulação, nem sempre se mostre algo oportuno (por exemplo, quando alguém, por brincadeira, canta docemente, quando o assunto exige severidade).

---

<sup>18</sup> SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. “Por uma interpretação musical do conceito de tempo como distensão”. In: *Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000, p. 99-111.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Por isso, “modular” não é exatamente o mesmo que “bem modular”: a modulação concerne a qualquer cantor que não erre nas medidas das vozes e dos sons, enquanto a boa modulação pertence à disciplina liberal que é a Música. Entretanto, Santo Agostinho adota, para a definição de Música, um prévio critério metodológico: evitar a disputa por palavras, quando a questão (a coisa mesma) estiver suficientemente clara, o que significa não se preocupar se a Música foi definida como a ciência de modular ou de bem modular.

#### IV. O uso do termo “ciência” na definição de Música (*De mus.* I, IV, 5)

4.5. [a] **M.**- Restat ut quaeramus cur sit in definitione scientia.

**D.**- Ita fiat: nam hoc flagitare ordinem memini.

**M.**- Responde igitur, utrum tibi videatur bene modulari vocem lusciniæ verna parte anni: nam et numerosus est et suavissimus ille cantus, et, nisi fallor, temporis congruit.

**D.**- Videtur omnino

[b] **M.**- Numquidnam liberalis huius disciplinae perita est?

**D.** Non.

**M.**- Vides igitur nomen scientiae definitioni pernecessarium.

**D.**- Video prorsus.

[c] **M.**- Dic mihi ergo, quaeso te; nonne tales tibi omnes videntur, qualis illa lusciniæ est, qui sensu quodam ducti bene canunt, hoc est numerose id faciunt ac suaviter, quamvis interrogati de ipsis numeris, vel de intervallis acutarum graviumque vocum, respondere non possint?

**D.**- Simillimos eos puto.

**M.**- Quid? ii qui illos sine ista scientia libenter audiunt; cum videamus elephantos, ursos, aliaque nonnulla genera bestiarum ad cantus moveri, avesque ipsas delectari suis vocibus



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

(non enim nullo extra proposito commodo tam impense id agerent sine quadam libidine);  
nonne pecoribus comparandi sunt?

**D.-** Censeo: sed pene in omne genus humanum tendit haec contumelia.

**[d] M.-** Non est quod putas. Nam magni viri, etsi musicam nesciunt, aut congruere plebi volunt, quae non multum a pecoribus distat, et cuius ingens est numerus, quod modestissime ac prudentissime faciunt (sed de hoc nunc disserendi locus non est); aut post magnas curas relaxandi ac reparandi animi gratia moderatissime ab iis aliquid voluptatis assumitur. Quam interdum sic capere modestissimum est; ab ea vero capi vel interdum, turpe atque indecorum est<sup>19</sup>.

Para uma breve análise desta passagem do *Diálogo*, no texto latino foram destacadas quatro seções:

**[a]** por que a definição de Música inclui a palavra “ciência”?

---

<sup>19</sup> “[a] **M.-** Resta perguntarmos por que a definição inclui a palavra “ciência”. **D.-** De fato, lembrome que essa é a próxima questão a discutir. **M.-** Responde então: achas que o rouxinol modula bem a voz na primavera, já que seu canto segue as leis numéricas, é muito suave e, se não me engano, também adequado à estação? **D.-** Concordo inteiramente. **[b] M.-** Então, seria ele um perito nessa disciplina liberal? **D.-** Não. **M.-** Portanto percebes que o termo “ciência” é muito necessário à definição. **D.-** Percebo perfeitamente. **[c] M.-** Por isso, diga-me: não consideras semelhantes ao rouxinol os que cantam tão bem quanto ele, guiados por uma certa sensibilidade, ou seja, seguem as leis numéricas de uma maneira muito suave, mesmo que não consigam responder à pergunta sobre os referidos números ou sobre os intervalos das vozes agudas e graves? **D.-** Eu os considero muito semelhantes. **M.-** E os que, mesmo sem essa ciência, os ouvem prazerosamente? Constatamos que os elefantes, ursos e outras espécies de animais selvagens podem se movimentar de acordo com o canto, as aves se deleitam com suas próprias vozes (como não têm nenhum outro propósito, não o fariam tão absolutamente sem algum prazer), diante de tudo isso, aqueles primeiros não deveriam ser comparados a esses animais? **D.-** Concordo, mas é uma ofensa que atingiria quase todo o gênero humano. **[d] M.-** Não é como pensas. Também fazem isso os grandes homens, ainda que não saibam música, tanto para prudente e sabiamente se adequarem à plebe, não muito distante dos rebanhos e gigantesca em número (não é o lugar de discuti-lo aqui), quanto por admitirem algum moderado prazer do canto para o relaxamento e reparação do espírito depois de grandes preocupações. Usá-lo assim, de vez em quando, é algo muito equilibrado; deixar-se usar por ele, ainda que ocasionalmente, é torpe e indecoroso.”, AVGVSTINVS HIPONENSIS. *De Musica Libri Sex*. I, IV, 5. MIGNE, J. P. *Patrologia Latina* (PL, 32), 1079-1194.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

[b] a *modulatio* não é suficiente à definição de Música como disciplina liberal;

[c] os homens que ouvem prazerosamente, mesmo sem ciência, podem ser comparados aos animais que se movimentam de acordo com o canto, pois estes também seguem as leis numéricas;

[d] mesmo os grandes homens, ainda que não saibam Música, admitem algum moderado prazer do canto. Este uso é muito equilibrado, para relaxamento e reparação do espírito; no entanto, deixar-se usar por ele é torpe e indecoroso.

[a] Por que o termo *Scientia* na definição de Música? Uma análise aproximativa da questão deve retornar ao objetivo de Santo Agostinho, ao redigir *De Musica*: ele pretende construir os degraus de nossa ascensão à Verdade (íntima, bela e sublime). Neste caso, a contemplação da Verdade ocorre através das manifestações de ordem presentes nas realidades audíveis. O plano para o qual Agostinho nos aponta não está restrito a uma análise epistemológica: a atenção de cada degrau na mente (através de sua metodologia de *regressus in ratione*) reflete a presença de uma realidade, expressa em categorias ontológicas (*modus, numerus*), que podemos encontrar no som produzido pelo canto. O objeto da *scientia bene modulandi* não é qualquer movimento, mas apenas aquele pertencente a realidades mais perfeitas. Neste sentido, a expressão *scientia modulandi* pode ser entendida também como *scientia bene mouendi*. A Música tem como objeto, portanto, movimentos desejados por si mesmos, aqueles cuja modulação ordenada se almeja como um *telos* (τέλος).

[b] A noção de *modus*, suposta no termo *modulatio*, diz respeito a um movimento bem executado. O esclarecimento sobre a noção de Música fez convergir não apenas uma certa compreensão de modulação em sentido ontológico, mas também o sentido de oportunidade, a adequação às circunstâncias de tempo e lugar. Além disso, a exigência de situar a Música entre as sete *Artes Liberales* supõe algo mais que a modulação, pois aponta para a própria estrutura objetiva da racionalidade humana. Neste percurso, na direção da definição de Música, a Razão se revela de forma privilegiada na pedagogia das Artes. A ordem dos saberes é, simultaneamente, um processo de autoconhecimento do ser humano e a compreensão do ordenamento objetivo entre o Uno e o Múltiplo, o



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

Todo e as Partes, Deus e a alma. O desconhecimento de si mesmos se mostra como uma das causas apontadas para os desvarios dos seres humanos, o que dificulta ou impossibilita o acesso à Ordem. Essa via de acesso ao plano da *ordo rerum* certamente resgata a influência dos *disciplinarum libri*, de Marco Terêncio Varrão (116-27 a. C.), tal como a observamos na própria definição de Música como *scientia modulandi*. A Música é, em primeiro lugar, uma ciência matemática, uma das *disciplinae liberales*, constitutiva do ideal de conquista da Sabedoria. A dedicação à erudição cumpre uma função na busca da Sabedoria e na formação do Homem sábio<sup>20</sup>. A *modulatio* não é suficiente para a definição de Música, já que esta noção encerra, em si mesma, um movimento regrado que tem como finalidade a sua própria perfeição<sup>21</sup>.

[c] O termo *scientia* não pode dispensar-se à definição de Música porque esta não é uma mera reprodução de sons. É necessário um *conhecimento* das *leis* da dimensão e do número<sup>22</sup>. Ouvir prazerosamente um canto traz o efeito da suavidade. Certamente é possível haver Música – no sentido de um movimento bem executado – sem ciência: animais como o rouxinol também produzem movimentos ordenados, por recurso à imitação ou por aptidão natural. Homens e animais são guiados por certa sensibilidade. Há, no ouvido, o fruir do deleite produzido pelos sons, um prazer (*delectatio*) ínfimo e comum a todo ser vivo – embora, na ordenação dos seres, o prazer humano se eleve às coisas superiores, justamente o ponto de referência da alma. A percepção da *Beleza* deleita o espírito humano, na medida em que ele apreende a Harmonia nos corpos como *vestígio de Deus* (*De vera religione*, XXXI, 57). A congruência que deleita a mente no *belo* decorre da percepção da relação entre as partes e o todo (*De ordine* II, XI, 33). A relação entre o espírito humano e os *corporalia*, portanto, apresenta-se como uma via de acesso à racionalidade da Ordem, através da percepção sensível. Mas, se quisermos apreender a *modulatio* como categoria ontológica, isto é, como objeto próprio da Música, deveremos recordar as distinções propostas por Santo Agostinho entre “modulari”, “bene modulari” e “scientia” (*De mus.* I, III, 3). A *modulatio* será, portanto, mais ou menos

<sup>20</sup> SOLIGNAC, Aimé. “[Doxographies et manuels dans la formation philosophique de Saint Augustin](#)”. In: *Recherches Augustiniennes 1*. Paris, 1958, p. 120-124.

<sup>21</sup> MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: Boccard, 1958, p. 192-204.

<sup>22</sup> QUACQUARELLI, Antonio. “Le scienze e la numerologia in saint’Agostino”. In: *Vetera Christianorum* 25 (1988), p. 359-379.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

perfeita de acordo com o uso que dela se faça, e isto é fundamental para elucidar porque a Música se inscreve entre as ciências<sup>23</sup>. O que caracteriza a Música como ciência vai além do seguimento das leis numéricas por recurso à imitação (como os animais), ou no caso de qualquer cantor ou poeta que se engane nas dimensões das vozes e sons, sem o conhecimento da finalidade ou da oportunidade da execução: A Música, enfim, deve ser um exercício da Razão.

[d] Há uma superioridade do ser humano na hierarquia ontológica dos seres, o que lhe permite descobrir a lei objetiva da Ordem, inscrita no Universo. Ao retomar esse princípio, já anteriormente afirmado (*De Ordine*, II, XIX, 49), Agostinho também repropõe sua visão de que o ser humano atuaria contra esse princípio se, descobrindo essa lei, a aplicasse somente ao plano de sua atividade racional. Mesmo os “grandes homens” podem cair neste erro. Aqui se revela, ao menos esboçada, a estrutural relação entre uso e fruição: a *bona modulatio*, objeto próprio da Música como ciência, não deve ser vista apenas em seu uso como disciplina, mas deve manifestar também a *ordem de valores* que o ser humano, em sua liberdade, opta na execução do canto. É claro que o ser humano pode, em princípio, não usufruir ordenadamente da lei, o que resultaria na *desordem* no uso (*De Ordine*, II, XIX, 50). A noção de *Scientia*, que se apresenta nos primeiros cinco livros de *De Musica*, tem sua resolução última no Livro VI, onde se observa, com maior nitidez, a presença de uma Metafísica do Bem<sup>24</sup>, a guiar as virtudes da *bona modulatio* de acordo com a Transcendência de Deus, a Beleza divina. Na visão de mundo de Agostinho, há uma indissolúvel relação entre as dimensões ética e ontológica. O reto uso do prazer audível se situa entre o risco do prazer desordenado e a experiência imutável do Bem.

---

<sup>23</sup> SILVA, Paula Oliveira e. *Ordem e Ser: Ontologia da relação em Santo Agostinho*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.

<sup>24</sup> KOWALCZYK, Stanislas. “La métaphysique du bien selon l’acception de St. Augustin”. *In: Estudio agustiniano* 8 (1973), p. 31-51.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

## Conclusão

O uso do termo *Scientia*, na definição de Música, era necessário para o discernimento adequado e proporcional de seu objeto, a saber: a modulação ordenada, cujo deleite ocorre como um *telos* (τέλος). A Música, definida como *scientia bene modulandi*, está situada entre as sete *Artes Liberales*; mas, desde o início, em sua própria definição de Música, Santo Agostinho busca uma *compreensão existencial* que integre *Scientia-Philosophia/Sapientia*, o que aponta estruturalmente para a *Transcendência*, como critério último de percepção da ordem imutável nas realidades audíveis: em suma, uma concepção objetiva do belo como proporção e medida.

\*\*\*

## Fontes

AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *De Musica Libri Sex*. MIGNE, J. P. *Patrologia Latina* (PL, 32), 1079-1194.

AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *Retractationum libri duo*. CCL 57 (A. Mutzenbecher, 1984).  
S. AURELII AUGUSTINI. OPERA OMNIA: editio latina.

<http://www.augustinus.it/latino/musica/index2.htm>

AVGVSTINVS HIPPONENSIS. *Epistulae*. Ep. CI. CSEL 34/2, p. 539-543. AVGVSTINVS.

PLATO. *Res pública*. *Platonis Opera IV*. Tomus 4 (Tetralogia VIII (Oxonii [Oxford, England], 1957, 15ª reimp.

## Bibliografia

BETTETINI, Maria. “Stato della questione e bibliografia ragionata sul dialogo *De Musica* di Sant’Agostino (1940-1990)”. In: *Rivista di Filosofia neo-scolastica* 83 (1991), p. 430-469.

O’DONNELL, James J. *Augustine: a new biography*. New York: Ecco Press, 2005.

BURNET, John (ed.). *Platonis Opera*. 5 vols. Oxford 1900-1907.

CATAPANO, Giovanni. *Il concetto di Filosofia nei primi scritti di Agostino*. Roma: Institutum Patristicum Agustinianum, 2001.

COSTA, Ricardo da. “[A Música, uma das chaves para a compreensão do tempo](#)”. In: *Impressões da Idade Média*. São Paulo: Livraria Resistência Cultural Editora, 2007, p. 43-61.

DAVENSON, Henri. *Traité de la Musique selon l’esprit de Saint Augustin*. Neuchatel: Éditions de La Baconnière, 1942.



André GABY (org.). *Mirabilia Journal* 33 (2021/2)

*Music in Antiquity, Middle Ages & Renaissance – Música a l'Antiguitat, l'Edat Mitjana i Renaixement – La Música en la Antigüedad, Edad Media y Renacimiento – A Música na Antiguidade, Idade Média e Renascimento*

Jun-Dic 2021  
ISSN 1676-5818

- GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen, 1965.
- GILSON, Étienne. *Introduction à L'Étude de Saint Augustin*. Paris: Vrin, 1929.
- HADOT, Pierre. *Arts libéraux et philosophie dans la pensée antique*. Paris: Vrin, 2005.
- HÖSLE, Vittorio. *The Philosophical Dialogue: A Poetics and a Hermeneutics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2013.
- KOWALCZYK, Stanislas. “La métaphysique du bien selon l’acception de St. Augustin”. In: *Estudio Agustiniiano* 8 (1973), p. 31-51.
- MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: Boccard, 1958.
- MOREAU, Madeleine. “Le ‘juste usage’ de la culture”. In: *Bibliothèque augustinienne. Oeuvres de saint Augustin* 11/2 (1997), p. 528-546.
- O’DONNELL, James J. *Augustine: a new biography*. New York: Ecco Press, 2005.
- QUACQUARELLI, Antonio. “Le scienze e la numerologia in saint’Agostino”. In: *Vetera Christianorum* 25 (1988), p. 359-379.
- RIBEIRO, Antonio Celso. “[Beleza e Feiura como aspectos estéticos na Música Medieval: a Ordem na Desordem](#)”. In: COSTA, Ricardo da. (org.). *Mirabilia Journal* 32 (2021/1), p. 112-152.
- SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. “Por uma interpretação musical do conceito de tempo como distensão”. In: *Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000, p. 99-111.
- SILVA, Paula Oliveira e. *Ordem e Ser: Ontologia da relação em Santo Agostinho*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.
- SOLIGNAC, Aimé. “[Doxographies et manuels dans la formation philosophique de Saint Augustin](#)”. In: *Recherches Augustiniennes* 1. Paris, 1958, p. 113-148.
- VOSS, Bernd Reiner. *Der Dialog in der frühchristlichen Literatur*. München: W. Fink, 1970.